



Jubilando em Paris.

Rosane Godoi

Cinquenta? Como assim? Já? Ontem ainda me deram, no máximo, 38. Será que foi pra me acariciar o ego? Não sei, o fato é que este número, me fascina e me assusta ao mesmo tempo pelas inúmeras coincidências.

Pela numerologia 50 é 5+0 que é igual a cinco, meu número favorito. Todos os meus números, de telefone, de casa, de registros, de trabalho, placa de carro, somam sempre 5 ou múltiplo de 5. Poderia dar uma dúzia de exemplos, mas desisti de procurar uma explicação para esta coincidência antes que virasse uma obsessão e resolvi apenas assumir como uma certa excentricidade, como uma espécie de superstição.

Assusta-me o espelho, assustam-me as fotos ao me mostrarem uma face da realidade contra a qual pouco posso fazer. Tenho uma energia, uma vitalidade inerente que começa a ser tolhida pelas limitações que o corpo me impõe: juntas, resistência, memória. Tenho a vitalidade dos vinte, porém falta-me a mesma flexibilidade nas pernas e na coluna para me acompanharem, sem falar nos joelhos. Para completar, sinto calores estranhos no meio da noite, em pleno inverno.

Temo este tempo desconhecido que se aproxima tão de repente. Não me assustam as rugas nem os cabelos brancos, mas definitivamente rejeito-os e detesto-os, porém peço a meu filho e amigos que me alertem para não me deixarem ficar com cara de travesti pobre, aquela coisa cheia de silicone aqui e ali e maquiagens definitivas que aos poucos vão despencando e desbotando dando um ar de decadência ainda pior. Que eu tenha a paciência e a sabedoria para envelhecer com dignidade.

Muitos fazem festa para comemorar a data. Pensei em dar uma, bem grande, bem bonita, com muitos arranjos de flores, velas, um cardápio caprichado, muitos doces, vinho e champagne e música, muita música. Mas uma festa de cinquenta anos requer algo especial. Não, discurso está definitivamente fora da programação, ninguém mais me aguenta. Mas o quê, então? Contratar alguém? Não, teria que ter um pouco de mim, transmitir um pouco daquilo que me faz feliz.

Quando jovem amava dançar, cheguei mesmo a fazer ballet. Foi então que veio uma ideia. Convidaria meu amigo Gil, que foi professor de dança, para um *pax-de-deux*, um *pout-pourrit* de ballet, disco e rock and roll. Pude ver-me deslizando em seus braços ao som de *"You're just too good to be true"*. Aí me olhei no espelho e descobri que o vestido leve e esvoaçante que pensei já não caberia em mim, não combinaria mais com a ocasião. Olhei pros meus joelhos e vi o inchaço no final de um dia de trabalho, Sabe quantas rotações e movimentos bruscos lhe seriam exigidos em minha imaginária performance? Lembrei-me do menisco estourado e dos ligamentos rompidos. Olhei pra mim mesma e vi minhas pernas marcadas pelas veias azuis dilatadas ao longo dos anos dando aula em pé. Vi meus pés e tornozelos como um bolo só, os dedos apertados na sandália de salto fino e me doeu até em pensamento. Vi-me então diante de uma plateia que aplaudiria a bailarina gorda entre risos e olhares irônicos. Afastei a ideia do show de dança. Seria ridículo demais.

Passei ao segundo ato, a lista de convidados.

Comecei mesmo a fazer uma lista de convidados. Minha mãe, coitada, diria que iria falar com um de meus irmãos para ver se algum deles poderia trazê-la à minha festa de aniversário. Pude vê-los chegando, entre os últimos convidados, sempre com pressa e cansados. Minha mãe com os cabelos desgrehados, pois não tivera tempo de ir à cabeleireira nem à manicure, mas dizendo que já havia marcado para a semana seguinte. Vi mesmo as roupas velhas que estaria trajando, pois também não tivera tempo de sair de casa para comprar uma roupa mais adequada. Meu irmão com uma camisa amassada, cabelo desarrumado e dentes amarelos. Comeriam depressa e iriam embora, com cara de sono, talvez houvesse jogo do São Paulo, ou qualquer outra desculpa, naquele dia. Minha irmã não viria, estaria muito ocupada com seu trabalho.

Fui adiante na lista. Comecei então a pensar nos outros familiares mais distantes e me dei conta de que há mais de vinte anos nenhum deles sequer me dá um telefonema. Enviaria um convite pra gente que não faz parte do meu cotidiano, gente que não sabe onde moro, o que faço, do que gosto, quem eu sou. Meu convite chegaria carregado de pré-conceitos, de julgamentos que as famílias fazem uns dos outros, filha de fulano, irmã daquela, sobrinha daquele outro, querendo bancar o que não é, o que não tem. Chego mesmo a ver um certo desdém ao receberem um convite meu, alguns até acredito que fariam o favor de me prestigiar com sua presença, outros jogariam o convite no lixo, ignorando-o completamente, como já o fizeram em outras ocasiões.

Há também aqueles que não gostaria muito de convidar, mas que teria a obrigação de convidar, para não ofender ninguém. Tenho comigo um certo senso de justiça, se é pra um é pra todos. Estes com certeza viriam, seriam os primeiros a chegar e os últimos a irem embora, beberiam, falaria alto, diriam um monte de asneiras constrangedoras, mas viriam e me trariam uma porção de presentes inúteis que eu guardaria com pena de jogar fora.

Pensei então nos amigos que convidaria. Esta lista era certamente a mais longa. Alguns, muito queridos, mas distantes ou alheios ao convívio social enviariam flores com cartões recheados de belas palavras, mas se fariam ausentes.

Passei então à lista dos que estão próximos e tentei me lembrar qual foi o último convite que recebi. Para minha surpresa, dei-me conta de que se passaram aniversários, formaturas, casamentos, finais de ano e outras ocasiões em suas vidas em que eu simplesmente não existi para a maioria deles. Lembrei-me dos últimos convites recebidos e percebi que só sobraram aqueles em que haveria uma contrapartida minha, um almoço ou jantar beneficente, uma homenagem a não-sei-quem, algum texto a ser escrito, algum chá disso ou daquilo para arrecadar presentes ou dinheiro, coisas do gênero.

Fui adiante e vi desfilar diante de mim um sem-número de pessoas que haviam estado a meu lado enquanto fora preciso ou conveniente. Pessoas que trabalharam comigo ou para mim, que não tinham onde ficar e se hospedaram em minha casa por conta de nossa inabalável amizade, que não tinham com quem conversar e ficariam horas alugando minhas orelhas, enfim, pessoas que passaram, não ficaram.

Procurei então entre os amigos da noite, aqueles com quem dividimos os álcool pra anestesiar as dores, estes os mais fieis, quase todos homens. Estes viriam, mas quais mulheres solteiras convidaria para entretê-los? Onde estariam minhas amigas mulheres? Com seus namorados, maridos, seus afazeres, suas vidas. Outras amigas? Tem as *“fura-zoio”*, como se diz, aquelas que são mais amigas de seus namorados e pretendentes do que sua. Ah, então eu vi todos os seus sorrisos, os comentários sobre meu cabelo, minha roupa, minha infeliz barriga apesar da plástica.

Haveria também aqueles que diriam que vieram rapidinho me dar um abraço de feliz aniversário antes de partirem para outro compromisso mais importante. Viriam mesmo só pra não ficar feio.

Então, veio outro dilema, gostaria de convidar alguns outros companheiros da noite, mas suas esposas certamente não gostariam nem um pouco, nem muito menos eu quereria vê-las com seu prêmio em minha festa. Descartei-os.

Não poderia deixar de convidar meus colegas de trabalho, afinal, são talvez os que mais me conhecem, os que mais próximo de mim estão, os que mais me estimam. Sei

que alguns teriam que viajar por conta de outros compromissos, bois pra vender, caminhões de madeira pra carregar, algum ente da família que adoeceria, a visita de algum parente distante, mas os mais próximos viriam, ajudariam nos preparativos, fariam suas panelinhas, mas curtiriam a festa ao mesmo tempo em que contabilizariam meus gastos, auditando meu caixa.

Moral da história, uma grande festa requer um grande número de convidados e eu via meus números diminuindo a cada vez que pensava em alguém.

Passei então ao terceiro ato. O dia da festa.

Levantaria cedo e iria para o trabalho até meio-dia. Correria para poder mandar lavar o carro e providenciar almoço para meu filho. À tarde com horário marcado no salão me dedicaria a me produzir para estar linda ao receber meus convidados, mas antes teria que passar em casa, correr atrás do meu filho pra me certificar que ficasse em casa e sei que este o faria emburrado e de má vontade.

Teria ainda que passar no clube para rearranjar as coisas, o tapete, as toalhas das mesas, checar as músicas, dificilmente estaria tudo no lugar e como eu imaginei. Correria então para o salão, que me deixaria pelo menos uma meia hora esperando e isso já seria suficiente para me deixar nervosa.

Ao sair do salão, atrasada como sempre, correria pelas ruas até chegar em casa e arrancar meu filho da televisão aos berros para tomar banho e se arrumar antes da festa. Só então perceberia que sua roupa, aquela que comprei com antecedência e deixei em cima da cama antes de sair, estava toda amarrotada e correria para passá-la queimando um dos braços com o ferro quente. Para completar, teria que tomar um banho de gato para não estragar o cabelo nem a maquiagem e me enfiaria no vestido que estava no cabide e no sapato de salto e sairia correndo, arrastando meu filho pela mão e terminando de me arrumar dentro do carro: brincos, anel, batom. Só ao chegar na festa lembraria que esquecera do perfume.

Quarto ato: a festa.

Vi-me descendo do carro e encontrando pessoas que antes de me cumprimentarem já me cobravam onde eu estivera e por que cheguei tão tarde. Depois de tudo ainda teria que dar explicações. Chego e vejo que as velas das mesas não foram acesas e ninguém acha um palito de fósforo para fazê-lo. Olho em volta e começo a ver que muitas das coisas que encomendei não foram bem interpretadas pelos seus executores e aquilo me dá uma raiva tremenda, mas afinal, é meu aniversário, resolvo esquecer e deixar pra pensar e reclamar depois.

Minhas pernas doem, começo a beber assim que chego pra descontraí-las. Logo sinto minha barriga inchando o que me causa desconforto. Não bastasse isso tenho que

ouvir as mesmas frases clichê que se dizem nestas ocasiões e escutar estórias de pessoas que não me lembro mais ou não me interessa saber. Mas recebo a todos com alegria, com o sorriso no rosto, porém olhando de vez em quando pra porta como se a pessoa que eu mais queria que estivesse ali pudesse, de repente, por um milagre, entrar pela porta e me abraçar dizendo suavemente: - *"Hello, honey. I'm sorry, I'm late. Happy birthday, my dear. You're stunning"*.

No final da noite ficaria sempre alguém que não se tocou que a festa acabou e que eu estou podre de cansada e eu ainda teria que ficar fazendo sala até cometer a indelicadeza de dizer que estou cansada e vou pra casa dormir. Espere um pouco, penso. Final da festa, ir pra casa? Dormir? Com quem? Com meu travesseiro, sem ninguém pra me abraçar ou me afagar os cabelos. Ninguém pra me dizer que a festa foi boa, que eu estava linda, ninguém. Na manhã seguinte sobraria somente o gosto amargo na boca, a ressaca e as contas a pagar.

Ao me dar conta do circo de horrores que estava me impondo, parei e olhei pro espelho. E eu? Onde foi que eu fiquei nesta estória toda? Pensei, então:

- Quem é a pessoa mais importante nesta estória??? E respondi pra mim mesma: - Eu!!!!

Pensei, de novo:

- O que te faz mais feliz, da forma mais absurdamente egoísta?

Sim, neste ponto parei e olhei somente para o espelho, deixando meu filho de fora desta conversa. Era um diálogo, se é que pode-se assim dizer, entre mim e eu.

Claro que a resposta veio fácil: - Viajar!

Por isso, amigos, familiares, amores, ex-amores e ex-futuros-amores, comunico a todos que, atendendo a uma determinação desta pessoa que eu amo, em abril estarei apagando velinhas em Paris comemorando o meu cinquentenário.

Au revoir.

P.S. Depois publico as fotos.